

Maria Castanha



O céu já estava todo cinzento e quase nunca aparecia o sol, mas enquanto não chovia os meninos iam brincar para o jardim.

Um jardim muito grande e bonito, com uma grade pintada de verde toda em volta, de modo que não havia perigo de os automóveis entrarem e atropelarem os meninos que corriam e brincavam à vontade, de muitas maneiras, de muitas maneiras: uns andavam nos balanços e nos escorregas, outros deitavam pão aos patos do lago, outros metiam os pés por entre as folhas secas e faziam-nas estalar - crac, crac -debaixo das botas, outros corriam de braços abertos atrás dos pombos, que se levantavam e fugiam, também de asas abertas.



Era bom ir ao jardim. E mesmo sem haver sol, os meninos sentiam os pés quentinhos e ficavam com as bochechas encarnadas de tanto correr e saltar.



Uma vez apareceu no jardim uma menina diferente: não tinha as bochechas encarnadas, mas uma carinha redonda, castanha, com dois grandes olhos escuros e brilhantes.

- Como te chamas? - perguntaram-lhe.

- Maria. Às vezes chamam-me Maria Castanha.

- Que engraçado, Maria Castanha! Queres brincar?

- Quero.

Foram brincar ao jogo do apanhar.



A Maria Castanha corria mais do que todos.

- Quem me apanha? Ninguém me apanha!

- Ninguém apanha a Maria Castanha!

Ela corria tanto. Corria tanto que nem viu o carrinho do vendedor de castanhas que estava à porta do jardim, e foi de encontro a ele.



Pimba!!

O saco das castanhas caiu e espalhou-as todas à reboleta pelo chão.

A Maria Castanha caiu também e ficou sentada no meio das castanhas.



- Ah, minha atrevida!- gritou o vendedor de castanhas todo zangado.
- Foi sem querer- disse a Maria Castanha.
- Foi sem querer- explicaram os outros meninos.
- Eu ajudo a apanhar tudo- disse a Maria Castanha, de joelhos a apanhar as castanhas caídas.

E os outros ajudaram também.

Pronto. Ficaram as castanhas apanhadas num instante.

- Onde estão os teus pais?- perguntou o vendedor de castanhas à Maria Castanha.
- Foram à procura de emprego.
- E tu?
- Vinha à procura de amigos.



- Já encontrei: nós somos teus amigos- disseram os meninos.

- Eu também sou- disse o vendedor de castanhas.

E pôs a mão nos cabelos da Maria Castanha, que eram frisados e fofinhos como a lã dos carneirinhos novos. Depois, disse:

- Quando os amigos se encontram é costume fazer uma festa. Vamos fazer uma festa de castanhas. Gostam de castanhas?



- **Gostamos! Gostamos!**- gritaram os meninos.

- **Não sei. Nunca comi castanhas; na minha terra não há-** disse **Maria Castanha**

- **Pois vais saber como é bom.**

E o vendedor deitou castanhas e sal dentro do assador e pô-lo em cima do lume.

Dali a pouco as castanhas estalavam... Tau! Tau!

- **Ai, são tiros?**- assustou-se a **Maria Castanha**, porque vinha de uma terra onde havia guerra.

- **Não tenhas medo. São as castanhas a estalar com o calor.**



Do assador subiu um fumoquinho azul-claro a cheirar bem .

E azuis eram agora as castanhas assadas e muito quentes que o vendedor deu à Maria Castanha e aos seus amigos.

- É bom, é- ria-se a Maria Castanha a trincar as castanhas assadas .

- Se me quiseres ajudar podes comer castanhas todos os dias. Sabes fazer cartuchos de papel?



A Maria Castanha não sabia mas aprendeu.

É ela quem enrola o papel de jornal para fazer cartuchinhos onde o vendedor mete as castanhas que vende aos fregueses à porta do jardim.

